

os homens e as mulheres...

• perguntas - respostas

• coleção
Fundação Cuidar o Futuro

MARIA DE LOURDES PINTASILGO
PRIMEIRA MINISTRA

Fundação Cuidar o Futuro

PERGUNTA: Os homens e as mulheres

M. L. PINTASILGO: É muito engraçado este silogismo, que deve ter sido feito por um tomista, com certeza.

Acontece que só é legítimo falar em termos de grupos - e falei no grupo social as mulheres - na medida em que eu o quero distinguir duma situação com índices económicos e sociais de outros grupos, que é o grupo dos homens. Noutra sociedade, sem classes, em que os homens e as mulheres tivessem iguais oportunidades, estes dois grupos enquanto tais não têm existência por si. Não há o grupo das mulheres e o grupo dos homens. Logo, a primeira pergunta não tem consistência para além do problema da injustiça, que aqui assinalei.

Ainda que tivesse, a particularização do universal nem sempre é legítima. E por isso mesmo, o complemento entre o homem e a mulher, decorrente da primeira parecer-me-ia completamente inoperante. Eu pelo menos não consigo; os meus quadros mentais não conseguiriam tirar essa conclusão.

Mas como já tentei provar que a primeira interrogação carece de validade, queria no entanto explicar um pouco mais porque é que, ao nível do homem e da mulher indivíduos, pessoas, me parece errado falar de complementaridade.

Creio que houve ao longo deste século e sobretudo dos anos 30-40 duas pensadoras alemãs, uma das quais ainda vive, ambas notáveis do ponto de vista filossófico, que tentaram ir ao fundo do que então era possível, sobretudo com o instrumento da fenomenologia, na interpretação do ser feminino. Isso criou depois da década de 40, e ainda na década de 50, uma certa mística, pode dizer-se, quanto às qualidades femininas, que se contrapunham então às qualidades masculinas. Um exegeta belga, num trabalho muito interessante, dizia: o homem, ao lon

go da história foi vencendo sucessivamente os vários mistérios da natureza, foi-os decifrando, e continuou por decifrar o outro mistério, a outra possibilidade da existência humana, que é a mulher. Daí que cerque essa outra metade de uma roupagem mítica e que justamente tanto homens como mulheres vão definir um e outro sexo numa oposição ou até, em linguagem contemporânea, numa dialéctica de qualidades e de aptidões.

Ora mostra por um lado a antropologia comparada de diversas etnias e por outro lado a antropologia dos sexos que essa complementaridade é que é um mito. Há uma maneira global de ser, de estar no mundo, que é necessariamente diferente entre o homem e a mulher. É uma evidência. (Isto levava-me muito longe. Teria de falar das escolas que têm interpretado isto. Das escolas só de tipo biológico, ou só de tipo cultural - tipo Simone de Beauvoir: a mulher não é, a mulher faz-se - , etc. Parece-me que é na síntese dessas tendências que nós encontramos uma certa resposta. Tanto o homem-masculino, como o homem-mulher, como a mulher, portanto a pessoa humana na sua existência feminina, tem uma maneira de estar, uma maneira de apreender o mundo, uma consciência de si própria, uma maneira de participar na relação e uma maneira de dominar o mundo, que se manifestam exteriormente diferentes e que são experimentadas de forma diferente.

Isto não quer de modo nenhum dizer que determinado indivíduo homem (e estou a pensar em S. Francisco de Assis) ou determinada mulher (estou a pensar em S. Teresa de Ávila) não tenham características que parecem até pertencer àquilo que nós catalogamos como do outro sexo. E porquê? Porque justamente o caminhar em profundidade, o ser verdadeiramente, o estar no mundo tal como se é, aceitando da mesma maneira que um negro aceita a sua negritude, aceitar a nossa condição sexuada (que o P. Rahner diz que se manifesta até na nossa relação com Deus) aceitar isso significa um assumir da

nossa condição, mas um assumir em formas extremamente diversificadas. Tão diversificadas que podem conduzir a comportamentos que até podem ser interpretados como pertencendo especificamente ao outro sexo.

Isto conduz-me à terceira pergunta, que é essa diferenciação de actividade ou de responsabilidade. Não há dúvida que há um ponto muito interessante que é este: quando a mulher começou a entrar um bocado na vida social e nas várias actividades da vida social organizada, houve uma grande preocupação de catalogar as actividades masculinas e as actividades femininas. De vez em quando há ainda grande propaganda sobre as carreiras femininas. Isso foi progressivamente rejeitado, pois havia, por assim dizer, um violentar, um impedir de facto uma igualdade de oportunidades e uma igualdade de acesso.

Mas o que se verifica - e não quero extrapolar a partir do meu caso pessoal - é que tendo a mulher igual oportunidade ela tem sobretudo, nessa igual oportunidade, liberdade de se determinar a si própria, de assumir a sua própria condição. E o mesmo se pode dizer para o homem.

E digo que não extrapolo a minha condição individual no sentido de que justamente trabalhei durante muitos anos como exemplar única do meu sexo no meio de muitos engenheiros do sexo masculino. E refiro-o com a consciência de que isso era importante, mas com a consciência também em determinados momentos de que havia algumas coisas que qualquer homem podia fazer em meu lugar e que havia outras coisas que eu podia fazer e que nenhum homem podia fazer.

Isto é apenas uma nota muito pessoal que gostaria de confirmar com o exemplo dos países totalitários do Leste, que são talvez os únicos países que de forma totalitária, como o A. A. Baptista disse, onde a igualdade de direitos entre os homens e as mulheres existe

desde há muitos anos e onde se verifica este fenómeno curiosissimo: há uma orientação preferencial das mulheres por determinados sectores.

Nós podemos dizer que numa condição de igualdade, de situação e de oportunidade, talvez que as mulheres possam em massa escolher aquilo que lhes convém, sem o de ter de vencer determinadas barreiras, pois de uma forma estatística podemos dizer que há orientações profissionais na actividade masculina e na actividade feminina.

PERGUNTA DE ALÇADA BAPTISTA

M. L. PINTASILGO: Já disse tudo o que era preciso dizer. Eu vou muito nessa linha. Só tenho muita reserva em usar essa expressão, na medida em que não sei; é uma interrogação que tenho - não sei se é possível passar do nível simplista da mulher que tem sensibilidade, da mulher que é muito generosa, etc. etc., para esse outro nível, que é o nível antropológico.

Parece-me até que são os dois sexos que têm de descobrir a sua realidade antropológica, porque afinal aquilo que nós conhecemos como definição de homem é uma definição abstracta, dum ser que vive não se sabe onde. É uma definição que nos vem através dos séculos. Naturalmente as filisofias mais recentes têm procurado dar uma dimensão mais incarnada. Ora parece-me que está por trabalhar, ao menos em sintese, uma antropologia que descrevesse o homem e que descrevesse a mulher como as duas hipóteses possíveis do ser homem, e portanto com valores, ao menos ao nível embrionário, potenciais, que uma vez assumidos e uma vez transpostos e traduzidos em termos de responsabilidade e de criactividade virão a transformar a sociedade.

Isto não é uma resposta completa e para mim fica a interrogação

de como passar do nível simplista para este outro nível muito mais profundo.

Fundação Cuidar o Futuro